

Editorial (n. 50) Cartas e arquivos da criação

A carta e as correspondências suscitaram abordagens no campo da Crítica Genética, a partir de três estudos paradigmáticos: “Correspondances & Genèses” (*Leçons d’écriture: ce que disent les manuscrits*, 1985), de Alain Pagès, “Quelle génétique pour les correspondances” (revista *Genesis*, 13, 1999),¹ de José-Luis Diaz, e o “Avant-Propos” de *Genèse et Correspondances* (2012), de Françoise Leriche e Alain Pagès. Esses escritos, ricos em perspectivas teórica, crítica e interpretativa, voltaram-se para o discurso epistolar, seja como memória dos processos criativos (“exogênese”, “caixa registradora”, “testemunhos”), seja como matéria vinculada à própria criação (“endogênese”, “laboratório”, “prototexto”), iluminando o vigor e as armadilhas da exploração desse complexo discurso produzido na esfera da vida privada, de natureza relacional/dialógica. Equipes de estudos reuniram pesquisadores/as do assunto (no ITEM, França, a Equipe Autobiographie et Correspondances, coordenada por Jean-Marc Hovasse e Véronique Montémont; no Brasil, o Núcleo de Estudos da Epistolografia Brasileira-NEEB, CNPq, por exemplo), investigações se multiplicaram, constituindo um profícuo campo do saber, inesgotável, colocando à prova teorizações e perspectivas hermenêuticas.

Este número da *Manuscritica*, dedicado às Cartas e “Arquivos da criação”, evidencia a riqueza de perspectivas críticas, bem como a abrangência temática das contribuições, considerando os processos criativos no âmbito da literatura, da música, das artes visuais, das ciências humanas. Propõe igualmente amplas visadas teórico-reflexivas.

O dossiê congregado na seção “Ateliê” deste número da *Manuscritica* acolhe duas colaborações provenientes da Argentina: “Victoria Ocampo, una ‘empedernida escritora de cartas’”, de Manuela Barral, e “‘Un bodrio monumental, sin precedentes’: la génesis de *Humedad relativa ambiente: 95% en la correspondencia de Manuel Puig*”, de Martín Villagarcía. Representam contribuições, respectivamente, para a apreensão do ambicioso projeto autobiográfico da fundadora da revista *Sur*, correspondente de Virginia Woolf, e para a compreensão das potencialidades da carta como espelhamento da gênese e dos complexos processos de invenção do autor de *O beijo da Mulher Aranha* (1976). Em “As cartas como depoimentos de recepção de *Motivos de Proteo*: José Enrique Rodó e seu processo criativo em diálogo”, Elisângela da Silva Santos busca mapear a abrangente rede de sociabilidade epistolar do conhecido ensaísta uruguaio.

Os vínculos da epistolografia com o periodismo na primeira metade do século XX no Brasil consubstanciam-se em dois artigos. “A correspondência na gênese de revistas literárias – o caso da *Revista de Antropofagia*”, de Ana Maria Formoso Cardoso e Silva, distingue e interpreta, por meio

1 Artigo também publicado em português: DIAZ, J-L (2012). Qual genética para as correspondências? *Manuscritica*: Revista De Crítica Genética, (15). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/manuscritica/article/view/177609>

da sociabilidade epistolar, a pulsante dinâmica presente na gestação e no funcionamento de uma revista modernista no Brasil. “Trânsitos e margens nas cartas a Murilo Miranda”, de Mônica Gomes da Silva, coloca em relevo a *Revista Acadêmica*, periódico cultural de matiz política de esquerda, colocando em pauta a relação de seu diretor, Murilo Miranda, com três interlocutores (Newton Freitas, Lídia Besouchet e Luís Martins), punidos com o exílio ou com o ostracismo, pelas engrenagens autoritárias do Estado Novo.

A vasta e substancial epistolografia do criador de *Macunaíma* ganha atenção em “A correspondência como arquivo sonoro da poesia: Mário de Andrade e Manuel Bandeira”, de Marcelo Maraninchi, assim como em “Crítica a um jovem poeta: correspondência entre Mário de Andrade e Alphonsus de Guimaraens Filho”, de Marcia Regina Jaschke Machado. O primeiro estudo discute a vocalidade da poesia, tematizada na correspondência de dois dos maiores expoentes da vanguarda literária brasileira. O segundo, aprofunda a dimensão pedagógica da correspondência do polígrafo paulistano, fazendo emergir as linhas de força do exercício de uma crítica informal engendrada no espaço do diálogo postal.

Os processos de criação, em sentido lato, por meio de cartas, lograram trazer à tona relevantes questões de gênero, imbricadas a questões sociais e culturais. Em “A prática feminina de si: identificações da mulher encarcerada em cartas”, Thays Carvalho Cesar e Maria de Lourdes Rossi Remenche demonstram que missivas, vistas como lugares memorialísticos e autobiográficos, facultam a instauração da autoconsciência e das subjetivações. Em “Marina de Andrada e Silva Procópio de Carvalho e o arquivo de cartas de crianças e jovens enviadas a Monteiro Lobato: labirinto da perdição”, Patrícia Aparecida Beraldo Romano, fazendo emergir documentação epistolar inédita de arquivo, procura resgatar a biografia de uma autora sobre a qual sopesaram camadas de esquecimento.

As cartas no território das artes merecem atenção em “Poéticas de passagem: das cartas arquivadas para o impresso e o audiovisual”, de Elisabete Alfeld. Nesse artigo, a produção epistolar do cineasta Glauber Rocha é flagrada, sugestivamente, no trânsito do arquivo para a edição em livro e desta para a concepção cinematográfica. A dimensão teórico-filosófico das correspondências concretiza-se em “Problematizações epistolográficas a partir das cartas entre Verdi e Boito”, de Carlos Eduardo da Silva.

O papel incontestado das cartas como fontes para compreender dimensões singulares envolvidas na criação de uma obra, bem como a vida de seus autores, já de longe encontra respaldo em relevantes aportes teóricos produzidos na França, onde a pesquisa epistolográfica associada ao campo genético é referencial. Em “O gênero epistolar: gênese das obras, gênese de si”, traduzido especialmente para este número por Ligia Fonseca Ferreira, José-Luis Diaz, professor emérito da Université Paris-Diderot e vice-presidente da *Association Interdisciplinaire de Recherche sur l'Épistolaire* (AIRE), se debruça sobre cartas de escritores e escritoras românticos ainda jovens, revelando seus “titubeios, experimentações em todos os sentidos” e até mesmo hesitações quanto ao próprio destino ou vocação para a literatura.

Na seção “Comentários”, duas resenhas jogam luz sobre lançamentos de fundamental interesse, seja por tratarem de matéria intrínseca às relações epistolares, seja em razão do aparato genético mobilizado para reedição de uma obra mario-deandradiana. Objeto de reflexão filosófica, moral e psicológica da Antiguidade aos nossos dias, a amizade encontra, nas cartas, terreno fértil para a observação do sentimento proteiforme que liga os interlocutores. Em “Os que se escrevem

sobre aquilo que escrevem”, Giovanni T. Kurz e Marcos Antonio de Moraes apresentam-nos *Amitiés d'écrivains: entre gens du métier* (2021), de Philippe Berthier, em que os mecanismos sutis da amizade são analisados à luz das correspondências de dezesseis pares de amigos no campo literário francês, entre séculos XIX e XX, resultando em trabalho exemplar quanto à abordagem das cartas e ao entrecruzamento profícuo entre crítica epistolográfica e crítica genética. De volta ao Brasil, Luciano de Jesus Gonçalves em “Da ficção organizada pelo amor ou *A gramatiquinha da fala brasileira* [2022]” comenta a nova edição do livro de Mário de Andrade, na primorosa organização de Aline Novais de Almeida, cuja pesquisa farta e exaustiva tornou-se referência para a crítica genética brasileira e para os estudos sobre o autor que buscou captar a fala brasileira na “enorme e didática rua”.

Cartas como fonte para a elaboração biográfica ou tema para composição musical alimentam os “Diálogos” deste número. O primeiro deles, “A vida epistolar de Lima Barreto”, travou-se com Lília Schwarcz; na entrevista concedida a Ligia Fonseca Ferreira e Marcos Antonio de Moraes, a autora de uma premiada biografia do escritor carioca, publicada em 2017, destacou o aporte fundamental das cartas de Lima, reunidas em dois volumes de correspondência, publicados na década de 1950, enquanto “porta aberta” para perscrutar “subjetividades” do autor, sua extensa e (ainda) mal conhecida rede de sociabilidade, além de permitirem reavaliações interpretativas de sua vida e obra. No segundo diálogo, Patrícia Pereira colheu em “Música & missivas: uma conversa com João Guilherme Ripper” o depoimento do maestro, compositor e libretista brasileiro, autor das “óperas epistolares” *Domitila* (2000) e de *Cartas Portuguesas* (2018), obras em que as cartas ocupam um “papel medular”, norteadas as diversas dimensões de uma criação excepcional no campo operístico, da elaboração do libreto e da carga dramática à composição musical.

Atenta à importância do conhecimento da materialidade das cartas e das informações contidas nos manuscritos autógrafos, a seção “Fac-símile” reúne artigos nos quais são apresentados e discutidos três documentos epistolares inéditos, da lavra de nomes canônicos da literatura brasileira e de atores decisivos nos rumos de instituições de arte contemporânea no Brasil. Subsidiariamente, colocam-se em evidência preciosidades conservadas em arquivos brasileiros ainda insuficientemente explorados. Em “Um curioso manuscrito de Maneco [Manuel Antônio] de Almeida”, Daniele Ramos transcreve e problematiza o rascunho de uma carta/crônica preservada na Biblioteca Nacional em que o autor de *Memórias de um Sargento de Milícias* se faz “cronista” de viagem e “paisagista” da cidade de Nova Friburgo. Apenas um sugestivo título como “Os cosmogramas de Inês”, de Carolina Casarin, não nos permite adivinhar tratar-se ali da leitura comentada de uma carta enviada pela requintada mãe do jovem Oswald de Andrade, durante a primeira viagem deste à Europa, documento no qual se percebe claramente a influência materna na formação do gosto, nos comportamentos e hábitos de consumo da família do dândi modernista. Neste momento que coincide com a edição da 35ª Bienal de São Paulo, o manuscrito inédito aqui analisado por Thiago Gil Viarava, em “De Ciccillo Matarazzo a Mário Pedrosa: uma mensagem de Ano Novo e o fim das Bienais do MAM”, evoca o encerramento de uma fase e a (re)fundação da Bienal de São Paulo nos seus contornos atuais, tema de uma carta de cunho “profissional”, mas na qual o remetente esforça-se em preservar a “amizade” com seu interlocutor, movidos ambos por sonhos comuns, num contexto de rupturas.

Por fim, encerra-se este número com a contribuição, vinda de além-mar, em que Inês Horas Marques retrata “O contributo de Ivo Castro para a edição crítico-genética em Portugal”, país onde se fixou um modelo de edição crítico-genética a partir de critérios e enquadramentos teóricos estabelecidos pelo filólogo português homenageado, coordenador das edições das obras de Fernando Pessoa e de Camilo Castelo Branco. Aos pesquisadores e pesquisadoras do campo no Brasil, oferece-se, assim, uma oportunidade de estabelecer perspectivas comparadas de procedimentos editoriais em língua portuguesa.

Ligia Fonseca Ferreira e Marcos Antonio de Moraes, à frente da elaboração deste número da *Manuscrita* devotado ao estudo das cartas enquanto “arquivos da criação”, agradecem o incentivo de Telê Ancona Lopez, entusiasta incentivadora dos estudos de epistolografia no Brasil, assim como o apoio de Antonio Dimas (USP), Cecilia Almeida Salles (PUC-SP), Edson Pfitzenreuter (Unicamp), Leandro Garcia (UFMG) e Mirhiane Mendes de Abreu (Unifesp). Agradecem aos/às pareceristas que atuaram neste número. Destacam, igualmente, o notável engajamento editorial de Giovani T. Kurz e de Katerina Kaspar.

Ligia Fonseca Ferreira (Unifesp)
Marcos Antonio de Moraes (USP)

Editores

EDITORES DO DOSSIÊ

Marcos Antonio Moraes
(Universidade de São Paulo)
Lígia Fonseca Ferreira
(Universidade Federal de São Paulo)

DIAGRAMAÇÃO

Fátima Santos
Giovani T. Kurz
Katerina Blasques Kaspar

ILUSTRAÇÕES

Design: Patrícia Kiss

EQUIPE EDITORIALEditores-chefes

Edson do Prado Pfüzenreuter
(Universidade Estadual de Campinas)
Claudia Amigo Pino
(Universidade de São Paulo)

Editores-executivos

Patrícia Kiss Spineli
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Aline Novais de Almeida
(Universidade de São Paulo)
Katerina Blasques Kaspar
(Universidade de São Paulo)
Giovani T. Kurz
(Universidade de São Paulo)
Leonardo Cavalcante Mendes
(Universidade de São Paulo)
Wagner Miranda Dias
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Thiago Leão Antunes
(Universidade de São Paulo)
Lea Hafter
(Universidad Nacional de La Plata)

Manuscrita é uma publicação da Associação dos Pesquisadores em Crítica Genética (APCG) e da Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (LETRA) da Universidade de São Paulo.

E-mail: manuscrita@usp.br

Portal da revista: www.revistas.usp.br/manuscrita

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Programa de Pós-Graduação em
Letras Estrangeiras e Tradução
Coordenadora da Pós-Graduação: Mona Hawi
Vice-coordenadora: Eliane Lousada

DIRETORIA APCG

Presidente - Edson do Prado Pfüzenreuter (Unicamp)
Vice-presidente - Patrícia Kiss Spineli (PUC-SP)
Membro honorário da APCG - Lea Hafter (UNLP)
Secretária-Geral - Katerina Blasques Kaspar (USP)
Tesoureiro - Giovani Kurz (USP)
Secretária de divulgação - Aline Novais de Almeida (USP)
1º suplente: Wagner Miranda Dias (PUC-SP)
2º suplente: Thiago Leão Antunes (USP)
3º suplente: Lueldo Bezerra Teixeira (UESPI)

CONSELHO EDITORIAL

Alicia Duhá Lose
(Universidade Federal da Bahia)
Aline Novais de Almeida
(Associação de Pesquisadores em Crítica Genética)
Aparecido José Cirillo
(Universidade Federal do Espírito Santo)
Aurèle Crasson
(Institut des textes et manuscrits modernes)
Cecília Almeida Salles
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Carla Cavalcanti e Silva
(Universidade Estadual Paulista)
Claudia Amigo Pino
(Universidade de São Paulo)
Edson do Prado Pfüzenreuter
(Universidade Estadual de Campinas)
Erica Durante
(Brown University)
Graciela Goldchluk
(Universidad Nacional de La Plata)
Josette Monzani
(Universidade Federal de São Carlos)
Lea Hafter
(Universidad Nacional de La Plata)
Mabel Meira Mota
(Universidade Federal da Bahia)
Márcia Ivana Lima e Silva
(Universidade Federal do Rio Grande do Sul)
Márcia Edlene Mauriz Lima
(Universidade Estadual do Piauí)
Maria Eunice Moreira
(Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul)
Maria da Luz Pinheiro de Cristo
(Universidade Federal do Espírito Santo)
Maria Soledad Falabella
(Universidad de Chile)
Max Hidalgo Nácher
(Universitat de Barcelona)
Miguel Rettenmaier
(Universidade de Passo Fundo)
Moema Rodrigues Brandão Mendes
(Centro Universitário Uni Academia.
Fundação Casa de Rui Barbosa)
Mônica Gama
(Universidade Federal de Ouro Preto)
Patrícia Kiss Spineli
(Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)
Paolo D'Iorio
(Institut des textes et manuscrits modernes.
École normale supérieure de Paris)
Philippe Willemart
(Universidade de São Paulo)
Rosa Borges
(Universidade Federal da Bahia)
Sérgio Romanelli
(Universidade Federal de Santa Catarina)
Sílvia Maria Guerra Anastácio
(Universidade Federal da Bahia)
Telê Ancona Lopez
(Universidade de São Paulo)
Viviane Araújo Alves da Costa Pereira
(Universidade Federal do Paraná)